

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

SEÇÃO ARTIGOS

**A TERRA QUE HÁ EM NÓS:
sambas sobre “ensaio” de uma procura**

**THE EARTH THAT IS IN US:
sambas about “essays” of a search**

**LA TIERRA QUE ESTÁ EN NOSOTROS:
sambas sobre “ensayos” de una búsqueda**

 [David Emanuel Madeira Davim](#)¹

Centro de Ciências e Tecnologia da Universidade
Estadual do Ceará (CCT – UECE),
Ceará, Brasil
e-mail: david.davim@uece.br

 [Luiz Tiago de Paula](#)²

Faculdade Sesi de Educação (Fasesp),
São Paulo, Brasil
e-mail: luiz.tiago@faculdadesesi.edu.br

Resumo

O que este escrito propõe são alguns passos, rumo a um querer-saber. Um saber que enlaça, em um único vôo, artes, ciências e filosofias para, assim, tecer entendimentos sobre um tema em questão: a crise ambiental contemporânea. Neste esforço interdisciplinar, a arte, em especial, o samba, nos alimenta de belíssimas imagens, para então refletir sobre o desencontro e ruptura humano-natureza. Imagens estas gestadas na reunião poética de artistas do samba. Ao nosso ver, de tal rompimento se releva o fundamento da crise em discussão. Aqui, algumas interpretações das artes são apropriadas pelo pensamento ambiental, sendo o último amparado por reflexões geográficas sobre a relação meio e sociedade. O ser humano perdeu a dimensão da terra que há em si mesmo, a partir do momento que se afastou e continua a se afastar da efetividade imanente. Paralelo a esse desterro, o pensamento convencional confortou-se em bases transcendentais, forjadas pelo peso e autoridade do racionalismo. Do otimismo racional fez-se o otimismo da técnica, edificada para submeter a natureza aos seus interesses. É sobre esse caminho que trilhamos, no esforço de compreender e pensar a crise que precisa ser enfrentada em nosso tempo.

Palavras-chave

Relação sociedade e natureza; Samba; Terra; Crise ambiental.

¹ Doutor em Geografia pelo IG-Unicamp, professor adjunto do curso de Geografia da CCT-UECE – Campos de Itaperi, Fortaleza-CE.

² Geógrafo e Mestre em Ciências Humanas e Sociais Aplicada pela FCA-Unicamp. Professor do Curso de Ciências Humanas da Fasesp.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

What this writing proposes are some steps towards a specific knowledge. A knowledge that links, in a single flight, arts, sciences and philosophies, in order to weave understandings on a topic in question, namely, the contemporary environmental crisis. In this interdisciplinary effort, art, especially samba, feeds us with beautiful images, so that we can reflect on the human-nature mismatch and rupture. These images were created in the poetic meeting of samba artists. In our view, such a rupture reveals the foundation of the crisis under discussion. Here some interpretations of the arts are appropriated by environmental thinking, the latter being supported by geographical reflections on the relationship between environment and society. The human being has lost the dimension of the earth that exists within himself, from the moment he moved away and continues to move away from immanent effectiveness. Parallel to this banishment, conventional thinking took comfort in transcendental bases, forged by the weight and authority of rationalism. From rational optimism became the optimism of technique, built to subject nature to its interests. It is on this path that we have followed in the effort to understand and think about the crisis that needs to be faced in our time.

Keywords

Society and nature relationship; Samba; Earth; Environmental crisis.

Resumen

Lo que propone este escrito son algunos pasos hacia un querer-saber. Un saber que vincula, en un solo vuelo, artes, ciencias y filosofías, con el fin de tejer entendimientos sobre un tema en cuestión, a saber, la crisis ambiental contemporánea. En este esfuerzo interdisciplinario, el arte, en especial la samba, nos alimenta con bellas imágenes, para que reflexionemos sobre el desajuste y la ruptura humano-naturaleza. Estas imágenes fueron creadas en el encuentro poético de artistas de samba. A nuestro juicio, tal ruptura revela el fundamento de la crisis en discusión. Aquí algunas interpretaciones de las artes son apropiadas por el pensamiento ambiental, siendo este último apoyado por reflexiones geográficas sobre la relación entre medio ambiente y sociedad. El ser humano ha perdido la dimensión de la tierra que existe en sí mismo, desde el momento en que se alejó y se sigue alejando de la eficacia inmanente. Paralelamente a este destierro, el pensamiento convencional se acomodó en bases trascendentales, forjadas por el peso y la autoridad del racionalismo. Del optimismo racional se pasó al optimismo de la técnica, construida para someter la naturaleza a sus intereses. Es en este camino que hemos seguido en el esfuerzo por comprender y pensar la crisis que es necesario enfrentar en nuestro tiempo.

Palabras clave

Relación sociedad y naturaleza; Samba; Tierra; Crisis ambiental.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

*“Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas do rio correr
Ouvir os pássaros cantar
Eu quero nascer
Quero viver ...
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir para não chorar
Se alguém por mim perguntar
Diga que eu só vou voltar
Quando eu me encontrar” ...*
Antônio Candeia Filho (1976).

Apresentação³

História curiosa a do samba⁴. Música inventada por negros e mestiços pobres de cortiços, subúrbios e favelas, ex-escravizados que se urbanizaram no período pós-abolição. Símbolo de resistência dos batuques africanos em terras de senhores de descendência lusa. De arte perseguida converte-se, misteriosamente, na expressão maior da cultura de um país dissimuladamente racista e profundamente desigual (Sodré, 1998; Vianna, 2002). Ritmo, melodia e poesia de samba conquistaram quase todos, naturais (brancos ou pretos) ou visitantes de nossas terras brasileiras. Para Sodré (1998), o samba virou mercadoria de alto valor

³ Escrevemos este texto como uma singela homenagem ao professor João Baptista Ferreira de Mello que, apesar da pouca convivência que tivemos, em eventos sobre Geografia Humanista no Grupo de Pesquisa Geografia Humanista e Cultural (GHUM), nos influenciou duplamente a pensar esse escrito. Primeiro, quanto ao estético-filosófico, pois abriu possibilidade à reflexão do lugar através da arte-samba; e, segundo, de modo interdisciplinar e analítico, pois colocou o “lugar” como categoria espacial e, ao mesmo tempo, ontológica, com seus trabalhos pioneiros, onde afirmou incessantemente ao parafrasear Pocock: “os lugares devem ser considerados como pessoas e pessoas como lugares.” (Pocock *apud* Mello, 1991, p. 32)

⁴ Nascido não se sabe onde, se na Bahia ou no Rio de Janeiro. O mais certo é que surgiu na passagem do século XIX para o XX, em forma de ranchos de ensaio (em casa de batuqueiros pretos e “tias baianas”) e cordões de festa de rua, expressando um estilo desdobrado pela síntese de diversos ritmos, como modinha, lundu, maxixe e choro (Sodré, 1998; Vianna, 2002).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

agregado, mais uma a ser explorada pelos homens de negócios, tomando mais uma vez o homem e a mulher negra como capital⁵ produtivo e criativo.

Muitos querem ver e ouvir o samba acontecer, preencher os carnavais e ter os seus corpos e sentidos invadidos pelo feitiço de sua síncopa (Mello, 1991; 2008; Sodré, 1998). O estilo não se fez somente atraente e sedutor, como também conciliador e agregador⁶ de cores, culturas e classes. Como nos apontou Dozena (2007; 2008), o samba é expressividade de vida em comunhão, que produz lugares de encontro, partilha, memória, de culto às ancestralidades e afirmação de identidades. O samba se faz também território animado por dinâmicas socioespaciais que demarcam resistência, redes de solidariedade, relações de parentesco, apropriação e uso dos espaços de direito para as comunidades envolvidas (Dozena, 2009).

Gilberto Freyre apostava em uma inspiração autêntica de sua ideia de brasilidade (Vianna, 2002). O samba unia-se ao Carnaval e parecia cumprir sina semelhante à festa, momento de livre inversão de papéis, em que as disparidades e conflitos de nossa sociedade concedem uma breve trégua⁷, da sexta até a Quarta-Feira de Cinzas (Damatta, 1997).

A magia dessa fusão carnavalesca foi tamanha que convenceu até brancos ricos e de classe média a se tornarem bambas de ternos de linho e pianos de cauda (“sambistas de calçada”, salões e teatros). Enfeitiçados pelos batuques, poetas e compositores de calçadas (cidade, asfalto e até de embaixada) subiram o morro para ouvir a vida dura e pobre cantar seus lamentos e alegrias (Diniz, 2012; Mello, 1991).

Para muitos destes brancos poetas, faltava a grande lição inspiradora, a saber: de que o samba floresce com mais vigor e sentido quando sua semente germina da vida como esta de fato é. Como sugere Dozena (2007; 2008; 2009), o samba traduz a vida coletiva do bairro periférico, pois trata-se de uma crônica cantada sobre o cotidiano. Para fazer um samba é

⁵ No capitalismo o samba deixa de ser criação coletiva para tornar-se inspiração de um gênio individual. Mera ilusão se pensarmos que a reunião é a natureza do próprio samba, sendo o sambista um mero intérprete de uma vida comungada (Sodré, 1998).

⁶ No Rio de Janeiro dos anos 20 já eram comuns as “noites de violão” no bairro da Lapa, reunindo na mesma mesa sambistas de morro, maestros eruditos, políticos, burgueses e intelectuais do Brasil e do mundo (Vianna, 2002).

⁷ Condição essa bem representada pelas imagens contidas na música “A Felicidade” (1958), escrita por Vinicius de Moraes e musicada por Antônio Carlos Jobim como trilha sonora de Orfeu Negro (filme dirigido por Marcel Camus: “[...] A felicidade do pobre parece; a grande ilusão do carnaval; A gente trabalha o ano inteiro; por um momento de sonho: pra fazer a fantasia; de rei ou de pirata ou jardineira; e tudo se acabar na quarta-feira [...]”).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

preciso tornar mais belas não só as alegrias, como também aos dramas e tristezas de uma realidade compartilhada e vivida em primeira pessoa. Para tornar-se sambista era preciso provar da vida de bamba, de boêmio dos cabarés da cidade, de malandro a trapacear com a polícia, de trabalhador pobre, de explorado e de morador de barraco. O que seria de Noel Rosa, Jobim, Vinícius de Moraes, Benito de Paula, João Nogueira e Chico Buarque (por exemplo), sem as lições da vida de morro protagonizadas por Donga, Sinhô, Carlos Cachaca, Cartola, Pixinguinha, Nelson Cavaquinho e Candeia (entre tantos outros)?

Cabe destacar o último nome citado na lista acima: Antônio Candeia Filho⁸ (1935-1978), um dos maiores sambistas da Portela. O samba-canção que abre esse escrito, “Preciso me encontrar”⁹, expressa bem uma virada artística de Candeia (Diniz, 2012). Para os que tentam decifrar o sentido de seus versos e refrão, um consenso parece dominar as interpretações: trata-se de uma música que sinaliza o esforço de quem precisa reencontrar o sentido de si mesmo, que busca uma identidade perdida ou uma nova identidade.

Mas o que pouco se destaca nas decifrações, até o momento, é a presença de alguns elementos naturais: o nascer do sol, o correr das águas dos rios e o cantar dos pássaros. Qual o papel de tais elementos naturais nesta música de Candeia? O que o sambista queria expressar ao destacar tais elementos? Como a figura da natureza conversa com esse interesse humano de buscar outros sentidos para si mesmo ou de um novo modo de ser?

Nunca saberemos ao certo, considerando o perspectivismo de exegeses que a arte sugere, não só ao próprio artista que a cria, como para as distintas testemunhas que a contemplam. Se nos cabe uma liberdade interpretativa, Candeia parece insinuar nessa música um profundo momento de desencantamento com a dimensão do mundo cotidiano, urbano, marcado pelos compromissos, problemas, conflitos, desapontamentos, negócios, eventos e

⁸ Nascido no bairro de Osvaldo Cruz, zona norte do Rio de Janeiro. Era poeta, ativista negro, tocava cavaquinho e violão, adepto do candomblé e exímio capoeirista. Apesar da sensibilidade para a música, tinha um temperamento difícil, agressivo e que se fez consumado plenamente (em sua violência) ao entrar para a polícia civil do Rio de Janeiro. Teve a vida transformada após ser baleado em uma discussão de trânsito. O mestre do partido-alto ficou paraplégico e destinado a viver sobre uma cadeira de rodas. Após o drama, sua vida e samba encarnaram um espírito sentimental e reflexivo sobre a própria existência (Diniz, 2012).

⁹ A canção, imortalizada por Cartola em seu segundo disco (lançado em 1976), foi feita por demanda de um escritor, jornalista e produtor musical (cearense) chamado Juarez Barroso (1934-1976) que, no contexto, sofria de uma crise existencial de tom aproximado a do poeta da Portela.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

obrigatoriedades sociais. Um tipo de desejo de fuga ou ausência que não toleraria sequer o respiro de uma festividade ou boemia. Um querer-ser-ausente muito distinto da altiva “Diz que fui por aí¹⁰” (1973) de seu colega de profissão, Zé Kéti (1921-1999).

Fica claro que, na fuga para encontrar a si mesmo, Candeia se afasta das multidões, escolhendo a companhia da natureza em sua imagem mais corriqueira e bucólica: o nascer do sol, o rio que flui e o pássaro que canta. Talvez o contexto dos anos 1970 fosse cedo demais para que Candeia tivesse em mente alguma preocupação ambiental, apesar de as discussões sobre o risco de catástrofe nuclear e de a reunião de Estocolmo (1972) já terem ganhado repercussão no mundo todo.

Outra hipótese para desvendar sua escolha seria a narrativa de uma trajetória existencial e geográfica vinculada ao drama vivido por um “negro carioca, aleijado e de periferia”. Cabe lembrar que o Rio de Janeiro é uma cidade que reorganizou seu núcleo urbano durante a década de 20 do século XX, mediante as reformas de Pereira Passos. Tal modernização acabou expulsando sua gente pobre e negra dos cortiços (no centro) para os morros adjacentes e subúrbios da zona norte (Azevedo, 2003). Essa seria uma possível transumância de Candeia, a saber, um vai e vem, marcado entre uma exaustiva e conflituosa vida urbana, no adensado centro e zona sul carioca, para uma libertação e aconchego em um subúrbio periurbano de Osvaldo Cruz¹¹ dos anos 40, 50 e 60.

Talvez, o reencontro de Candeia consigo fosse um retorno a antiga Osvaldo Cruz de sua juventude, que expressava ares semi-rurais, onde ainda era possível ver o rio correr, o nascer do sol e ouvir o canto dos pássaros. Possivelmente o reencontro fosse a necessidade de permanência no lugar de identidade, onde o samba acontece como prática social e para o qual os versos fazem alusão (Dozena, 2009). Quem saberia?

Tentando trilhar no caminho do simples, desviando das conjecturas mais elaboradas, Candeia em seu “Preciso me encontrar” apenas nos sugere a imagem de um homem que, em

¹⁰ “Se alguém perguntar por mim. Diz que fui por aí. Levando um violão debaixo do braço. Em qualquer esquina, eu paro. Em qualquer botequim, eu entro. E se houver motivo é mais um samba que eu faço. Se quiseres saber se eu volto, diga que sim. Mas só depois que a saudade se afastar de mim...” (Zé Kéti, 1973).

¹¹ Bairro afastado, que se gasta quase uma hora de trem (partindo da Central do Brasil). Uma antiga fazenda de escravos (Freguesia de Irajá), lugar marcado pela escassez de equipamentos públicos. Região precária em sua infraestrutura urbana que, no tempo de Candeia, era tomada por “favela de planície” (ABREU, 2006).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

situação extraordinária, se despede de alguém para ficar sozinho e contemplar a natureza, com a esperança de se reencontrar. Só depois desse reencontro, o poeta da Portela estaria seguro o suficiente para retornar à sua normalidade.

Ousamos trazer para um primeiro esforço de reflexão ambiental¹² aquilo que sinalizamos como a “alegoria da busca por si mesmo”, que se faz enunciada pelo exemplo do samba-canção de Candeia. Trata-se de uma mobilização de abertura que, apesar de poética, lírica e sucinta em palavras, traz consigo um pensamento fundamental, de múltiplas possibilidades, que movimenta e dá sustentação a nossa proposta interpretativa. Já apontamos que a humanidade, em seu projeto civilizatório, vem perpetuando (há décadas) uma crise ambiental sem precedentes. Uma crise múltipla e complexa que traz não só um colapso direto na relação humano-natureza, como também do próprio conhecimento, da economia e das relações sociais e políticas (Stengers, 2015).

As perspectivas basais de tal projeto civilizatório, antes esperançosas, otimistas de seus atributos inventivos e técnicos, na contemporaneidade, dão sinais muito nítidos de esgotamento, desencantamento, desencontro e desolação. Um desencontro intimamente estruturado sobre bases transcendentais do saber racionalista, que afasta de si os infortúnios da vida como esta de fato é: imanente, concreta, sensível, conflituosa, múltipla, terrível muitas vezes e penosa para a maioria. Muito desta natureza visceral da vida-junto-à-terra¹³ se faz presente na dimensão poética, representada aqui pelo espírito criador do sambista.

No gênio do artista, a comunhão das diferenças que compõe o real se anuncia e se revela ao modo da quadratura heideggeriana¹⁴. Para Heidegger (2002), o poeta seria um dos mais privilegiados a testemunhar e cuidar dos acenos fundamentais da legítima existência, que

¹² Não há nenhuma evidência de uma preocupação ambiental na obra do sambista, todavia a margem de manobra de sua arte serve e pode ser adaptada a nossa intenção.

¹³ Utilizaremos o termo “terra” com letra inicial minúscula, por caráter conceitual: a terra envolve os sentidos telúricos que fundam a relação homem-natureza (Dardel, 2011). Ela representa tanto a “Terra”, enquanto elemento de um sistema planetário, quanto a “terra”, substrato corpóreo que conecta em uma só existência, ser e espaço (Heidegger, 1954).

¹⁴ “Unindo-se por si mesmo uns com os outros, céu e terra, mortais e imortais pertencem, em conjunto, à simplicidade da quadratura de reunião. A seu modo, cada um dos quatro reflete e espelha de volta a vigência essencial dos outros. [...] Este refletir e espelhar não é e nem consiste em expor o reflexo de uma reprodução. Iluminando cada um dos quatro, o refletir e espelhar lhes apropria a própria vigência, na apropriação de uma unidade recíproca” (Heidegger, 2010, p. 156-157).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

só se anuncia como contextualidade múltipla e relacional. Tal reunião, neste caso, funde diferenças em unidade, a exemplo do que se concebe como humano e natureza, tempo e espaço, imanência e transcendência, pensamento e palavra. Falta ao conhecimento tamanha virtude e sensibilidade que supera a relação sujeito-objeto tão recorrente na ciência positiva.

A crise ambiental é, segundo Heidegger (2002), sobretudo, ontológica. Sua filosofia é conciliadora ao pensar a terra como algo “pacificado na liberdade de um pertencimento” (Heidegger, 2002, p. 3). A terra seria, portanto, a fonte de todo gesto humano de sustentação:

A terra é o sustento de todo gesto de dedicação. A terra dá frutos ao florescer. A terra concentra-se vasta nas pedras e nas águas, irrompe concentrada na flora e na fauna. Dizendo terra, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro. O céu é o percurso em abóbadas do sol, o curso em transformações da lua, o brilho peregrino das estrelas, as estações dos anos e suas viradas, luz e crepúsculo do dia, escuridão e claridade da noite, a suavidade e o rigor dos climas, rasgo de nuvens e profundidade azul do éter. Dizendo céu, já pensamos os outros três. Mas isso ainda não significa que se tenha pensado a simplicidade dos quatro (Heidegger, 2004, p. 3).

A simplicidade dos “quatro”, ao que Heidegger se refere, é a quadratura que envolve a terra, o céu, os deuses e os mortais. Poeticamente, essa quadratura pode ser representada como uma moldura em que se expressa a máxima indissociabilidade (e por que não utopia?) entre homem e espaço, ou homem e a terra. Ele reforça:

Quando se fala do homem e do espaço, entende-se que o homem está de um lado e o espaço de outro. O espaço, porém, não é algo que se opõe ao homem. O espaço nem é um objeto exterior e nem uma vivência interior. Não existem homens e, além deles, espaço. Ao se dizer “um homem” e ao se pensar nessa palavra aquele que é no modo humano, ou seja, que habita, já se pensa imediatamente no nome “homem” a demora, na quadratura, junto às coisas (HEIDEGGER, 2002, p. 7).

A fenomenologia heideggeriana do “espaço” é essencialmente utópica e dialética. A própria etimologia da palavra “utopia” traz consigo *topos* (do grego, lugar), uma vez que o filósofo busca fundar o sentido telúrico do habitar – a terra como a casa do homem – e, ao mesmo tempo a terra como um ente ameaçado pela inautenticidade da técnica e da racionalidade positivista. Esta racionalidade tem, na modernidade, mediado a relação homem-natureza e rompido com a quadratura que Heidegger propõe, causando uma profunda crise dos sentidos.

“Meu mundo caiu”: crise da razão e desprezo à terra

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

*“...Preste atenção,
O mundo é um moinho...
Vai triturar teus sonhos, tão mesquinhos
Vai reduzir as ilusões a pó...”*
Angenor Francisco dos Santos “Cartola”, 1976.

No modo de ser das sociedades contemporâneas (globalizadas), o arrojo técnico-científico e informacional, já sinalizado por Santos¹⁵ (2012), afastou e suprimiu cada vez mais da nossa experiência aquilo que reconhecemos por primeira natureza. Há, inclusive, a hipótese de que tal natureza sequer exista mais, considerando a plena complexidade do papel humano (e sua técnica) na intervenção e alteração da ordem natural. O que haveria, na verdade, é uma segunda natureza, essencialmente uma natureza humanizada marcada pela modificação e significados que os humanos aferem a ela (Mello, 1993). Além do mais, a racionalidade dominante na produção do conhecimento formal (filosófico e científico), convenceu esta mesma sociedade (do otimismo técnico-racional), de que a efetividade percebida nos diz pouco ou quase nada coerente sobre a ordem e o sentido do mundo das coisas. Dentre um dos principais postulados dessa desconfiança sobre a sensibilidade, estão as críticas iniciais de Immanuel Kant, que até o presente ainda são referências.

Para Kant (2013), a vertente da racionalidade (positiva), o conhecimento e o esclarecimento são virtudes que só ocorrem mediante um amparo decisivo de um pensamento racional e abstrato. Nesta lógica, a dimensão empírica da experiência não diz muito por si mesma, ou melhor, é embusteira por natureza, inconstante e imperfeita. Segundo as lições do jovem Kant, cabe ao esforço da observação o amparo de um juízo e o lastro de um modelo pensado de interpretação.

Apesar da primeira crítica kantiana não ter determinado toda a trajetória do pensamento, as lições desta fase seminal orientaram toda uma tradição de pesquisa científica. Para Kant (2013), o conhecimento, sobretudo o científico, deve se ater apenas ao brilho empírico e buscar aproximações com a verdade, cabendo à metafísica pensar a dimensão do

¹⁵ Para Milton Santos (1988; 2012), no contexto do meio técnico-científico e informacional, edificado pelo poder do capital, a natureza passa de amiga a elemento hostil. Esta foi “redescoberta” como um objeto entre demais que compõe o espaço geográfico; seria outra natureza, sufocada por extensões técnicas, próteses e artificialidades que a modelaram e ocultaram sua verdadeira face, convertendo-a em uma forma produtiva de valor, perversamente explorada por um padrão (o homem).

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

que não brilha, a coisa-em-si ou o ser. Porém, o juízo analítico *a priori*, que cabe no esforço empírico, nunca foi o bastante (por si só) para sequer observar, estando a distância da plena valorização das virtudes imanentes do ente interessado. A experiência, neste caso, exige um lastro de razão formal, anterior aos juízos sintéticos.

O empírico (ou sensível) para Kant não tem autonomia e vida própria, já que carece antes de um juízo reflexionante (Vitte, 2007), que possibilita ao sujeito do conhecimento destacar padrões sobre os fenômenos, apontar unidades em meio à multiplicidade caótica e, por fim, estabelecer conceitos representativos e leis gerais sobre coisas e acontecimentos.

Por outro lado, Nietzsche (2009a), em sua crítica à tradição e ao cientificismo ao modo de Kant, tratou o conhecimento convencional e positivista da contemporaneidade como uma espécie de egipcismo que estabeleceu as bases da confusão oriunda da razão formal. Para Nietzsche, o conhecimento colocou no princípio do ato investigativo aquilo que deveria vir no fim (como resultado). Posto de outra forma, a razão positiva e objetiva colocou categorias e conceitos já estabelecidos (por empreendimentos investigativos anteriores) como princípio para a pesquisa, determinando assim, grande parte dos resultados investigativos. Deste modo, toda e qualquer inconsistência lógica, apanhada pela experiência direta sobre os fenômenos, já estaria censurada e excluída por esse hábito convencional da racionalidade triunfante. Por esse ponto de vista, quaisquer relatos de experiência, seja em pesquisa formal ou mesmo em arte e poesia, não passam de aparências desprovidas de qualquer valor de verdade.

Como contestar o olhar do poeta sobre o verdadeiro, sendo este testemunha direta de sua concretude e existência? Para Mello (1991), todos são, de alguma forma, geógrafos informais dos lugares onde vivem. Deste modo, para assegurar esta afirmação, poderíamos, como exercício, colocar em paralelo a análise de Nelson Sargento, que na metrópole carioca e ao longo dos domínios de mares de morros, (en)cantou “Encanto da Paisagem”.

*“Morro és o encanto da paisagem
Suntuoso personagem
De rudimentar beleza
Morro, progresso lento e primário
És imponente no cenário
Inspiração da natureza
Na topografia da cidade
Com toda simplicidade*

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

*És chamado de elevação
Vielas, becos e buracos
Choupanas, tendinhas, barracos
Sem discriminação
Morro, pés descalços na ladeira
Lata d'água na cabeça
Vida rude alvissareira
Crianças sem futuro e sem escola
Se não der sorte na bola
Vai sofrer a vida inteira
Morro, o teu samba foi minado
Ficou tão sofisticado, já não é tradicional
Morro, és lindo quando o sol despona
E as mazelas vão por conta do desajuste social.”
Nelson Mattos (1986).*

Em seus trabalhos, Alessandro Dozena (2009) apresentou muito bem como o samba, enquanto acontecimento socioespacial, assim como um lugar de encontros e reuniões, expressa em suas atividades (sociais, culturais e políticas) a territorialidade e a vida cotidiana dos bairros que abrigam uma espécie de irmandade de entorno comprometida com a manifestação artística (a música). O que o geógrafo, porém não explorou tanto foi o conteúdo geográfico do discurso contido no samba enquanto poesia. Ao nosso ver, a canção de Sargento é a anunciação de uma geograficidade (Dardel, 2011) partilhada (intersubjetiva) sobre o lugar que abriga o samba, neste caso específico, o morro, a periferia, a realidade geográfica do bairro.

Husserl (2012), ao apontar a crise de fundamento nas ciências, professou leitura próxima à de Nietzsche, ao afirmar que a trajetória do conhecimento científico moderno deturpou os conceitos clássicos, fundados pela vivência e pensamentos gregos. Na perspectiva do fenomenólogo, é preciso suspender tais conceitos e refundar os sentidos das coisas a partir de um ato científico originário, atento ao mundo da vida.

Essa condenação sobre a coisa-em-si e a experiência imanente recai sobre o sentido de natureza e, conseqüentemente, sobre a nossa ação devastadora sobre ela. Neste modo de pensar, a máxima cartesiana (*cogito ergo sum*¹⁶) impera de modo decisivo sobre a interpretação da natureza, sendo esta impossível de ser por ela mesma. A natureza termina por ser algo somente a partir da consciência e intenção de outro ente, dotado de pensamento. Dito de outro modo, na concepção das razões triunfantes, a natureza é, não por si mesma, mas a partir do humano e

¹⁶ Penso, logo sou.

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

para os objetivos e projetos do mesmo. Um modo de ser dependente, indireto, hierarquicamente submisso e que a reforça como mero objeto, à mercê de um sujeito superior. Não superada essa relação de poder (ativo) e submissão (passiva) entre sujeito-objeto, estabelecida entre humano e natureza, as crises ambientais perdurarão sem qualquer presságio de mudança.

Assim, propostas como a da fenomenologia (trazido para o campo do método, não só filosófico, como também científico) tem muito a contribuir para uma virada na relação entre humano e natureza. Em sua sentença mais famosa, “para as coisas e elas mesmas”, Husserl (1990) nos dá a entender que a efetividade enquanto coisa-em-si cabe ser pensada com consciência. Para Heidegger (2009b), em sua instigante ideia de *dasein* (ser-aí), essa concepção aparece em nuance peculiar. O *dasein* não se refere somente ao esforço de um ente (humano) privilegiado na tarefa de desencobrir a verdade do ser. O ser ou as essências das coisas e fenômenos se doam ao ente interpretante.

Para Heidegger (2009a), a natureza é por ela mesma, autônoma em seu modo de ser. Seu efetivar-se é diferente do humano, já que o último existe enquanto ente privilegiado para o desvelamento da verdade. Na perspectiva do filósofo de “Ser e Tempo”, a natureza é o ente subexistente, que não é capaz de desvelar a si mesmo, mas se doa ao desvelamento do intérprete, assim como também se oculta, já que é por si mesma, independente da ação e intenção humana.

Uma posição que nos revela caminhos um pouco além da abertura fenomenológica (para o ser-em-si da natureza) é a filosofia de Nietzsche. Este praticamente transvalorou o modo de pensar moderno ao afirmar que o humano não seria a coroa da criação, ou seja, um animal superior diante de todas as outras coisas. Nietzsche (2011b) também diluiria a importância da consciência, apontando esta como mais um instinto entre os tantos que habitam o humano. O humano, ainda, seria o animal mais frágil da natureza, justamente por ter dedicado a sua trajetória a fortalecer o instinto consciente da racionalidade (Nietzsche, 2011a).

O otimismo da razão afastou o humano daquilo que Nietzsche (2011b) considera a virtude mais potente da natureza, a saber, a corporeidade e seus instintos mais viscerais. O corpo é a “razão maior” de qualquer vivente, pois este é capaz de conhecer e pensar a partir dos sintomas que lhe ocorrem, mediante sua imersão sensível em meio à multiplicidade caótica do mundo efetivo, o cosmo e a terra. A super valorização da consciência (assim como da razão)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

enfraqueceram o humano, o apartaram do próprio corpo e da natureza, estabelecendo com esta uma relação distanciada, lógica e burocrática.

A relação, portanto, entre corpo e natureza desembocou em um modo de conhecimento sistemático e seletivo, que escolhe e destaca aquilo que é igual, permanente, que expressa identidade e que se apresenta por padrões lógicos. Tudo que se manifesta pela inconsistência, pela diferença e pela mudança, acaba sendo descartado, já que põe a perder a construção e a longevidade de modelos, leis e categorias (Feyerabend, 2011).

Diante disso, para Nietzsche (2014), o corpo é o que nos faz constituinte da natureza. O humano não é um ente privilegiado ou diferente por possuir a virtude do pensamento. Para o filósofo, não é o “Eu” consciente do humano que pensa, exclusivamente. O pensamento é algo que nos advêm. Trata-se de um afeto que nos invade, um estímulo que a natureza nos lança e que o corpo (este sendo parte da natureza) apreende por meio de sintomas passíveis de interpretação. Nesta leitura, o humano, não é considerado o animal racional por excelência e sim o animal avaliador, que doa sentidos e valores às potências manifestadas pela afetividade concreta, às vontades da terra. Essa imagem desenhada por Nietzsche, nos leva a conceber humano e natureza como constituintes de um mesmo, uma unidade caracterizada pela multiplicidade de entes em relação. Trata-se de um elo que a humanidade fez questão de perder.

Assim como nos sugere o samba de Candeia, a sociedade contemporânea parece ter perdido de vista a condição autônoma da primeira natureza, a proximidade e o pertencimento junto a ela; o seu nascer do Sol, o correr dos rios, o canto dos pássaros e os sintomas que tudo isso oferece. Como visto, sua existência se faz mediada, quase que em absoluto, pela esfera técnica, isto é, uma segunda natureza, produzida artificialmente e que é determinante sobre a materialidade que a circunda. A técnica e seu desdobramento em tecnologia que há pouco se configurava enquanto apenas uma obra humana, – ou como diria Heidegger (2009a), um ser-a-mão, dependente do humano e a serviço deste – passa a ditar o destino do próprio humano, fazendo o criador dependente de sua própria criatura. Se a técnica penetra na natureza e corrompe sua ordem original, a ponto de torná-la outra, alheia a si mesma, estamos diante de uma efetividade híbrida técnico-natural que depende não só das dinâmicas naturais, como do gênio humano para concretizar-se. O *cogito* cartesiano, portanto, materializado na técnica,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

possibilita a existência da totalidade não só por um esforço de consciência, como também pela *práxis* concreta que se dá pelo trabalho de homens e máquinas.

Esse otimismo racionalista e técnico, primeiro, convenceu o humano de que é uma exceção diante da ordem natural, um ente privilegiado capaz de conhecer os segredos da natureza, tendo plena consciência de tal conhecimento. O humano se vê superior aos demais seres dominados por instinto, seguro de que pode mudar a natureza de acordo com suas necessidades e entende essa possibilidade como direito natural irrevogável. Porém, mesmo convencida de seu poder e superioridade, a humanidade se vê incapaz de resolver sérios dilemas, que põem em risco suas promessas e expectativas de prosperidade civilizatória.

O sistema capitalista e o modelo liberal triunfante, desde os anos de 1970, não manifestou êxito consistente no desafio de alavancar um ininterrupto crescimento e acumulação. A permanência desse modelo nunca alcançou, em seu sistema de trocas, um patamar que proporcionasse uma distribuição igualitária da produção. A cada década que se fecha, o modelo em vigor reproduz mais desigualdade e escassez, o que, conseqüentemente, reverbera em convulsões sociais e conflitos armados diversos (Angel-Maya, 1996). Para agravar tal panorama de degenerescência, a humanidade, a cada novo salto técnico-produtivo, percebe que eventos ambientais catastróficos se multiplicam no número de incidências em curto espaço de tempo, assim como na gravidade de efeito (STENGERS, 2015).

Durante o século XX e início do XXI, convivemos com a perda acelerada da biodiversidade, escassez de água potável, áreas agricultáveis e bens naturais diversos, seja por esgotamento ou contaminação. As mudanças climáticas avançam em tempo recorde e em múltiplas escalas, modificando paisagens e ecossistemas em uma velocidade incompatível com o tempo de adaptação de animais, plantas e culturas. As epidemias surgem e sofrem mutação com maior intensidade e menor tempo, proporcionando episódios epidêmicos¹⁷ em escala global, como este que vivemos nos anos de 2020 e 2021.

Trazendo a trama de Cartola¹⁸ para os acontecimentos centrais do espírito da contemporaneidade, o nosso mundo de sonhos, edificado nas promessas do racionalismo, do

¹⁷ Referência a pandemia de gripe (Covid-19) proporcionada pelo Sars CoV-2 (Coronavírus).

¹⁸ Na composição “O mundo é um moinho” (1976) que abre esse fragmento de artigo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

otimismo técnico e no espontaneísmo do capitalismo liberal, não passou de pueril ilusão. No fundo, quase tudo vem sendo reduzido a pó por um terrível moinho chamado terra. E o que fazer diante de tal fatalidade? Difícil propor um receituário infalível. Todavia, Candeia já nos deixou um pálido sinal de que cabe uma reflexão. Precisamos definitivamente empreender uma procura dentre as mais importantes: a de nos encontrarmos enquanto natureza que somos, antes que qualquer busca seja completamente inútil.

Salvar a terra? Mas que terra?

“...Vai resplandecer
Uma chuva de prata do céu vai descer,
O esplendor da mata vai renascer
E o ar de novo vai ser natural...
Vai florir
Cada grande cidade o mato vai cobrir, ÔÔÔ
Das ruínas um novo povo vai surgir
E vai cantar afinal...
As pragas e as ervas daninhas
As armas e os homens de mal
Vão desaparecer nas cinzas de um carnaval.”
Paulo Cesar Pinheiro e João Nogueira (1977).

Mello (1993), em um texto de título “A humanização da natureza – uma odisseia para a (re)conquista do Paraíso”, afirma que os princípios e a espera pela chegada de um mundo fabuloso não são específicos das filosofias religiosas monoteístas. Toda sorte de povos cultuam as forças da terra; o samba acima, de origem matriz africana, reforça tal dado. “*O esplendor da mata vai renascer*” revela clara preocupação ambiental, não no sentido restrito do ambiente puramente físico, mas da “natureza” que existe em nós, semioticamente, como signo e significado.

“As forças da natureza¹⁹”, lançado por Clara Nunes (1942-1983) em 1977, traz, de fato, a tônica discursiva mais direta e hodierna sobre a questão ambiental. Visivelmente, trata-se de um samba, uma expressão da cultura popular, dedicado ao tema. A música versada em

¹⁹ Composto pela parceria entre o poeta Paulo Cesar Pinheiro e o famoso sambista João Nogueira. A cantora Clara Nunes, que era esposa de Pinheiro, gravou e lançou primeiro a canção, em um álbum com o mesmo nome “As Forças da Natureza”. João Nogueira gravou a música no ano seguinte (1978), em disco próprio de título: “Vida de Boêmio”.

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

seu catastrofismo (apocalíptico) indubitável, traz a dura hipótese de que haverá um tempo em que a natureza manifestará suas forças, com tamanha intensidade e violência, que o projeto humano será praticamente varrido da face da terra, colocando a poderosa ciência em condição de impotente. O mais interessante é que na música não há lamento por tal destino, muito pelo contrário, a catástrofe que se aproxima é vista na verdade como um “bom sinal”, como uma espécie de redenção.

Tal ideia de fim dos tempos, dá a entender que uma realidade doentia e maléfica sucumbirá para inauguração de um novo tempo: um recomeço marcado por forte esperança, momento em que a natureza retomará o seu devido “lugar”. No samba, o projeto civilizatório da cultura ocidental é posto como uma farsa a ser desmoronada em toda a sua materialidade. Das ruínas de cidades e palácios um novo povo surgirá, ao deixar para traz, nas cinzas, um mundo de degradações, barulhos, poeira, pragas e armas, para então viver um perpétuo carnaval.

Na concepção da filósofa da Ciência, Isabelle Stengers (2015), o tempo das catástrofes apontado pelo samba de Paulo Cesar Pinheiro e João Nogueira (1941-2000) já chegou há um bom tempo. Na hipótese da pensadora, a era da devastação já existia no contexto dos anos de 1990. A situação que vivemos não se trata apenas de uma crise ambiental e sim de um conjunto de múltiplas crises (econômica, ética, científica e social) intimamente associadas. Segundo Stengers, o grande responsável para tal contexto é o mercado, definido na era da globalização pelos princípios do capitalismo neoliberal. Tal orientação econômica é, por essência, indiferente, reativa e oportunista, ou seja, responde rápido às crises, ao estabelecer novas e eficazes estratégias para restabelecer uma nova crescente de lucros. Essa velocidade reativa é o que fez e ainda faz do sistema vigente um modelo extremamente competitivo e “vitorioso”.

Outras instâncias da sociedade moderna e contemporânea, a exemplo do Estado e do conhecimento, estão à disposição dos interesses de mercado. A política, portanto, não se estabelece por demandas e pautas próprias, nascidas das próprias circunstâncias e interesses políticos, e sim por intenções econômicas. O mesmo acontece com as Ciências.

Para Stengers (2015), as ciências sistemáticas do mundo contemporâneo trabalham por encomenda: conhecem e investigam por demanda de terceiros, para compor, sobretudo,

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

projetos de inovação industrial. O objetivo fundamental é reproduzir mercadorias compatíveis com as necessidades de consumo e as possibilidades de acumulação. Crises econômicas, sociais e ambientais não são tomadas como sinais para uma reavaliação de percurso e projeto, e sim, como meros obstáculos a serem superados (o mais rápido possível), para que a ordem vigente de acumulação e inovação continue progredindo.

Deste modo, mercado, Estado e Ciência são forças cooperativas para um mesmo projeto de devastação sobre a natureza. Sua ânsia por inovação e acúmulo gera inúmeros impactos que, ao longo do tempo, repercutem em graves crises, ameaçadoras ao próprio projeto de desenvolvimento humano em curso. Tais ameaças são definidas por Stengers (2015), como intrusões de *Gaia*. Intromissões que colocam em risco não só os empreendimentos do capitalismo (de crescimento econômico), mas o bem viver das comunidades humanas, principalmente as mais vulneráveis. O otimismo técnico-científico, a serviço da economia, mais uma vez entra em cena para vender promessas de soluções sustentáveis. As respostas são rápidas (como de costume), desenvolvidas para atender a finalidade do crescimento. Seus resultados já estão repetidamente divulgados: tímidas reações (de curto prazo) das economias centrais, seguidas, porém, como reflexo, pela reprodução de mais desigualdade socioeconômica e impactos ambientais.

O filósofo e poeta colombiano Angel-Maya (1996) já havia anunciado, nos anos de 1990, que o problema ambiental do mundo contemporâneo tem sua causalidade no suposto discurso que inventaram com o objetivo de salvá-lo. A própria ideia de desenvolvimento sustentável, incansavelmente divulgada deste à conferência de Brundtland²⁰ (1987), traz em si a semente do modelo de devastação global. Para Angel-Maya, toda a ideia envolvendo o conceito, tem o humano (e seu projeto de crescimento) como centralidade, o que obriga a política a desenvolver uma forma de relação com a natureza que mantenha em equilíbrio o que é impossível de se equilibrar. Afinal, como proteger os bens naturais e ao mesmo tempo manter um modelo de desenvolvimento social e econômico que garanta a sobrevivência de gerações atuais e futuras, considerando o modelo vigente de produção e consumo?

²⁰ Desenvolvimento sustentável: Desenvolvimento econômico e social que atenda às necessidades da geração atual sem comprometer a habilidade das gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades.

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Nos mais acalorados debates ocorridos nas reuniões internacionais sobre o meio ambiente e o clima global, as nações ricas cobram das mais pobres que mantenham sob proteção as reminiscentes reservas naturais do planeta. Estas ainda não desapareceram completamente, devido a uma sorte de eventos e à precariedade do desenvolvimento capitalista de tais nações. Por causa deste mesmo “atraso”, as nações mais pobres mantiveram suas economias em um nível inferior de dinamismo e acumulação, o que, conseqüentemente, reproduz mais pobreza e desigualdades sociais.

Por outro lado, estas mesmas nações subdesenvolvidas apelam para os grandes centros da economia o acesso não só aos acúmulos de capital, como também aos mais sofisticados recursos tecnológicos e produtivos. Não querem para si o fardo do preservacionismo, já que este supostamente as mantém no submundo econômico. Já as nações desenvolvidas não abrem mão do monopólio do conhecimento técnico-científico, afinal, como sustentariam sua posição superior? Como teriam acesso (moeda de troca) aos bens naturais dos países mais pobres, considerando que suas reservas praticamente se extinguíram? Qual cenário esse desequilíbrio de forças expressa senão a reprodução de um mundo onde os ricos, despossuídos de bens naturais, exploram, graças a sua superioridade técnico-científica, o resto das reservas naturais dos países pobres em capital e tecnologia? (Angel-Maya, 1996).

Como encontrar equilíbrio em um mundo como este, sem abdicar de seu projeto de desenvolvimento civilizatório e assim fundar outro mundo, uma nova sociedade e cultura centrada em uma nova relação entre humano e natureza?

Na proposta de Stengers (2015), um novo mundo começaria a florescer se primeiro a humanidade reconhecesse que o tempo de se evitar catástrofes ambientais já se foi, não havendo condição de revertê-las em um espaço de tempo estimável, em um futuro próximo. Não há nada o que evitar ou salvar.

Tudo já aconteceu. Cabe agora nos perguntarmos qual o melhor caminho para sobreviver às catástrofes postas, se: competindo uns com os outros (estratégia do crescimento, que o modelo neoliberal já exercitou por décadas seguidas) ou cooperando, em um novo modelo de sociedade a ser fundado? Visivelmente Stengers chama atenção para o humano enquanto o elemento mais frágil de tal realidade.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Para a autora, a natureza, associada à imagem de *Gaia* (do grego, terra), está em condição muito diferente ao discurso ambientalista convencional. Em seu modo de pensar, a natureza não carece de ser salva, pois suas dimensões são literalmente titânicas, desproporcionais às capacidades destrutivas da tecnociência humana. A natureza não é frágil, boa, perfeita, benevolente, tão pouco é má, destrutiva ou vingativa. Qualquer associação de tais adjetivos à natureza não passa de esoterismo ou catastrofismo inocente. Tal julgamento sugere uma aproximação entre Stengers e Nietzsche (2011a), quando o mesmo coloca que, qualquer projeção moral sobre a natureza não passa de antropomorfismo²¹ estético, ou seja, uma projeção egocêntrica das características humanas sobre os demais entes da totalidade.

Para Stengers (2015), *Gaia* (enquanto terra e natureza) é cega, inconsequente e aleatória em seus atos, não havendo nela qualquer intencionalidade preconcebida. Suas intrusões não são respostas às nossas falhas e sim o efetivar de seu próprio modo de ser. Nietzsche (2012), em sua obra, traz elementos mais elucidativos para tal imagem de *Gaia*. Para o autor de “A *Gaia* Ciência”, a efetividade do mundo, ou do *cosmo*, não é dotado de nenhuma moral, ordem, razão, princípio ou finalidade. Tal visão cosmológica nos revela uma terra viva, autônoma em sua forma de ser, constituída por uma multiplicidade caótica de forças em conflito e cooperação (como um sistema orgânico) que buscam nada mais do que, simplesmente, efetivar-se, ou seja, desdobra-se em vontade de potência, construindo-se e destruindo-se eternamente.

Este mundo: uma monstruosidade de força, sem início, sem fim; uma firme, brônzea grandeza de força, que não se torna maior, nem menor, que não se consome, mas apenas se transmuda, inalteravelmente grande em seu todo; uma economia sem despesas e perdas, mas também sem acréscimo, ou rendimentos, cercada de nada como de seu limite, nada de evanescente, de desperdiçado; nada de infinitamente extenso, mas como força determinada posta em um determinado espaço, e não em um espaço que em alguma parte estivesse “vazio”, mas antes como força por toda parte; como jogo de forças e ondas de força, ao mesmo tempo um e múltiplo, aqui acumulando-se e ao mesmo tempo ali minguando; um mar de forças tempestuando e ondulando em si próprias, eternamente mudando, eternamente recorrentes; com descomunais anos de retorno, com uma vazante e enchente de suas configurações, partindo das mais simples às mais múltiplas, do mais quieto, mais rígido, mais frio, ao mais ardente, mais selvagem, mais contraditório consigo mesmo; e depois outra

²¹ [...] ele (o universo) não é perfeito, nem belo, nem nobre e não quer tornar-se nada disso, ele absolutamente não procura imitar o homem! Ele não é absolutamente tocado por nenhum de nossos juízos estéticos e morais! Tão pouco tem impulsos de autoconservação, ou qualquer impulso (Nietzsche, 2011a, p. 136).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

vez voltando da plenitude ao simples, [...] como um vir-a-ser que não conhece nenhuma saciedade, nenhum fastio, nenhum cansaço: esse meu mundo dionisíaco do eternamente-criar-a-si-próprio, do eternamente-destruir-a-si-próprio, esse mundo secreto da dupla volúpia, esse meu “para além de bem e mal”, sem alvo, [...] – Esse mundo é a vontade de potência – e nada além disso! (Nietzsche, 2012, p. 449-450).

Mesmo concordando com Stengers sobre as dimensões titânicas de *Gaia* (que não se basta à escala do Planeta Terra, mas de toda a afetividade cósmica, como propôs Nietzsche), acreditamos que a propagação da ideia de que “não há nada o que salvar” pode ser perigosa se não pensada com todo o cuidado. A nosso ver, trata-se de um problema de escala, portanto uma reflexão geográfica.

De fato, a terra e toda a natureza são muito superiores à capacidade empreendedora do humano, não há dúvidas dessa reflexão. A terra em escala macro (planeta e totalidade cósmica) não carece de salvação, já que não há (ainda) possibilidades possíveis do humano intervir, por exemplo, nas estruturas e dinâmicas endógenas do planeta, que dirá dos astros. Mas poderíamos dizer o mesmo da biosfera. Teria a humanidade capacidade de diluir a diversidade de formas orgânicas e corromper estruturas inorgânicas da estreita camada de síntese entre os geossistemas? Estamos seguros que sim. A perda de consideráveis frações de tais potencialidades e riqueza natural, da forma acelerada que vem acontecendo, não é algo de fato irrelevante. Podemos sustentar algumas reflexões sobre o ritmo atual das mudanças climáticas. Tais preocupações são irrelevantes para o destino da própria terra e sua macro escala? Claro que sim. Então o que dizer dos conflitos e desigualdades sociais?

A importância disso para a terra, em sua escala macro, é nenhuma. Mas tais questões têm relevância para a terra que somos, na escala das experiências, como nos propõe Heidegger (2002).

A terra em uma perspectiva humana pode ser concebida a partir de inúmeras escalas (Marandola Júnior, 2016). Se retomarmos os argumentos iniciais deste escrito, de que o humano é constituinte da natureza, podemos também pensar que as escalas da experiência humana são também dimensões de *Gaia*. Apontar que a terra (em sua condição titânica) não carece de ser salva, pode até ser uma problematização transformadora, ao destronar o homem de sua prepotência.

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Todavia, reforçar que a humanidade, e não a natureza, é a única a carecer de preservação, seria reafirmar, de outro modo, a cisão entre humano e natureza. Tal movimento também soaria como subestimação à capacidade devastadora do racionalismo e sua tecnociência. Mesmo que este argumento seja uma legítima e necessária tentativa de alertar a humanidade para o cuidar de si, de suas crises, dilemas, conflitos e desigualdades sociais, o mesmo reforça um olhar egóico e antropocêntrico, marca fundamental da ordem vigente.

A ideia proposta de que a natureza não carece de ser salva nada muda em nossa condição atual de vida em sociedade. O que tal afirmação nos evoca? E se invertermos a frase, “o humano não carece de ser salvo e sim a natureza”, é essa ideia que se teme? Presumimos que sim. E se de fato for esse o argumento, mais uma vez a nossa inteligência estabeleceu uma oposição dicotômica e excludente.

É justificável o argumento complementar da primeira sentença, isto é, a humanidade precisar salvar-se de si mesma. Não há como refutar ou sequer discutir o valor de tal reflexão, todavia a primeira afirmação (de que a natureza não carece de ser salva) cumpriria apenas o papel de potencializar o “salvar de si” humano, por meio de uma negação. A própria Stengers indagaria por qual razão estas duas coisas devem se opor e seguir em separado. Ou melhor, por que devemos escolher apenas um para salvar. Na esteira de um ambientalismo neomalthusiano, o empenho em igualar os homens em capacidade de consumo e acumulação, levaria a natureza ao pleno colapso.

Deste modo, a solidariedade não garantiria a sustentabilidade. É por isso que precisamos urgentemente fundar um novo projeto de humanidade onde tais preocupações caminhem indissociadamente. Para que isso aconteça, precisamos recriar nossas visões sobre a relação entre humano e natureza.

Em nosso entendimento, o ser humano é a própria terra, faz parte dela e depende de suas dinâmicas e condições materiais. Salvar a terra em suas meso e micros dimensões é salvar também a humanidade. Não só Nietzsche (2011b) nos propõe tal reflexão, ao apontar o corpo como terra, como também Angel-Maya (1996), ao afirmar que o pensamento ocidental separou o que nunca deveria ter sido separado na história da humanidade, a saber, a trama ou o elo entre

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

cultura e natureza. É preciso, portanto, refazer tal trama da vida, suturar a pele que religará tais dimensões do ser, para então criarmos um novo caminho (Nogueira, 2012).

Corpo e terra, humano e natureza, vivente e meio, tempo e espaço são dimensões de um mesmo. A comprovação de tal elo só pode se dar por aquilo que o pensamento ocidental fez esforço de condenar e afastar do conhecimento por milênios, isto é, a virtude imanente da experiência concreta. Nos valendo do argumento de Nietzsche (2011b), precisamos retornar à terra que somos e trazer a virtude imanente — extraviada pela tradição — ao cerne do pensamento e do conhecimento. A terra presente no corpo que somos nos conduz a pensamentos e interpretações honestas, diretas e originárias sobre a efetividade que nos cerca.

Nos afirmar enquanto terra e natureza não seria apenas um esforço de naturalizar o humano, como também de humanizar a própria terra, tratá-la como outro, como sujeito, como algo que é por si, um ente autônomo em seu modo de ser. Eis um primeiro caminho possível, para consumir as previsões do samba de Paulo Cesar Pinheiro e João Nogueira, pela voz magnífica de Clara Nunes. Um novo povo nascerá das ruínas de seu mundo descomunal, para então fundar uma terra comum entre humano e natureza.

Conclusão: a terra como o outro

Problematizar o argumento de que a terra não carece de ser salva, não nos afasta, de modo absoluto, das ideias de Stengers. A ideia que vivemos em um mundo marcado por catástrofes e que nos cabe, urgentemente, um projeto cooperativo de humanidade, nos parece algo indubitável, de grande valor e capacidade de mobilização. Outro argumento da autora, que se faz indispensável para pensarmos em um novo modo de estabelecer relações com a natureza que somos, é de que o conhecimento científico precisa de críticas e reformas fundamentais. Para Stengers (2015), a Ciência, submetida às demandas do mercado, perdeu a capacidade de perplexificar-se diante dos acontecimentos. Isso porque seu interesse não se dá sobre os acontecimentos propriamente ditos e sim sobre as demandas de terceiros, isto é, os compromissos com a indústria de inovação.

Tal argumento de Stengers dialoga muito com nossa preocupação para com o desprezo que o modelo de Ciência triunfante ainda sustenta sobre a dimensão imanente do real. Estar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

perplexo diante dos acontecimentos, sobretudo diante das catástrofes que se apresentam, é se comprometer a questionar e a pensar sobre o mundo como este de fato é. Para Stengers (2015), assim como para Heidegger (2002), a Ciência desaprendeu a fazer boas perguntas, pois deixou de pensar, no momento em que se comprometeu com o destino da técnica, sendo esta ferramenta das intenções de mercado. Desta feita, a Ciência deve empreender sua ação mediante demandas de puro interesse do conhecimento. Para isso, é preciso permitir-se estar perplexo, ou como preferia Heidegger, deixar-se invadir pela angústia de estar no mundo e questioná-lo.

A natureza em sua efetividade é passível de ser interpretada e traduzida por aquilo que é, em suas potencialidades e forças eficientes. Nós, seres humanos, somos capazes de conduzir tal interpretação, pois somos terra, e, como diria o geógrafo Éric Dardel (2011), podemos ouvir e entender seus apelos, traduzindo-os em vocabulário. Tal possibilidade torna-se mais compreensível se tomamos a natureza pelo seu sentido arcaico de *physis*, forjada nos tempos dos gregos pré-socráticos.

Physis é a totalidade de tudo que é. Ela pode ser apreendida em tudo que acontece: na aurora no crescimento das plantas, no nascimento dos animais e homens. E aqui convém chamar a atenção para um desvio em que facilmente incorre o homem contemporâneo. Posto que a nossa compreensão do conceito de natureza é muito estreita e pobre do que a grega, o perigo consiste em julgar a *physis* como se os pré-socráticos a compreendessem a partir daquilo que hoje nos entendemos por natureza [...]. Para os pré-socráticos, já de saída, o conceito de *physis* é o mais amplo e radical possível, compreendendo em si tudo o que existe. Não se compreende o psíquico, por exemplo, a partir do modo de ser da natureza em seu sentido atual, assim como não se compreende os deuses a partir do nosso conceito mais parco de natureza. À *physis* pertencem o céu e a terra, a pedra, a planta, o animal e o homem, o acontecer humano como obra do homem e dos deuses e, sobretudo, pertencem a *physis* os próprios deuses [...] (Bornheim *apud* Gonçalves, 2006, p. 30).

Atendemos aos apelos da terra, enquanto *physis*, decifrando suas manifestações em discurso. Mas, para isso, devemos nos atentar immanentemente a sua efetividade. O discurso da natureza não se dá diretamente por palavras, mas por estímulos, decorrentes da efetividade concreta de suas formas e forças (ou vontade de potência). Nosso corpo, por ser parte da própria terra, é a dimensão da experiência mais capaz de apreender tais estímulos, um cordão umbilical, um nervo privilegiado que sente a terra. A partir daí podemos converter, subitamente, formas e forças em sintomas da sensibilidade. Essa subtaneidade de sentidos e sintomas provoca as nossas inteligências a pensar, nos doando ideias. O pensamento é uma dádiva que nos advêm

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

do próprio mundo. Por essa sequência de procedimentos sensíveis e interpretativos, Nietzsche (2011a; 2011b) foi capaz de afirmar que o corpo pensa, imediatamente, ao sentir, pois os afetos, decorrentes dos estímulos da exterioridade, nos preenchem com sentido e ideias. Cabe lembrar que o humano é o ente ou o animal dotado da virtude de fundar valores para as coisas, ou como preferia Heidegger (2009b), o pastor do Ser, o ente privilegiado em interpretar, desvelar o ser em palavra (a casa do ser), em poética, em meio ao diálogo. O humano é o animal poético, uma espécie de sambista a anunciar na música a beleza da vida, seja ela doce, alegre ou terrível.

Convergente a essas concepções sobre *physis*, corpo e terra, a filósofa colombiana Ana Patrícia Noguera (2010; 2012) nos propõe uma lição das mais intrigantes: a de que a terra pensa. A manifestação de *Gaia*, seus fenômenos, ciclos, dinâmicas, as intrusões que causa sobre nossos projetos, sua suposta ira e apelos, são na verdade formas de pensamento expressos na concretude dos acontecimentos. Faltam a estas ideias, pensadas pela própria terra, uma linguagem da qual o humano possa partilhar. Eis o que deveria ser o papel do filósofo e do cientista (assim como qualquer pessoa interessada) neste contexto de catástrofe: ser a voz da terra, um poeta a traduzir suas vontades e pensamentos em linguagem, em diálogo. Tal virtude serviria para que a humanidade pudesse estabelecer outros vínculos, relações mais íntimas com a natureza, fazendo com que a trama da vida e o bem viver possam ser restabelecidos, formando assim uma nova cultura. Cultura esta que já se fez vivida em outros tempos, quando as comunidades tradicionais, sobretudo as originárias (autóctones), tinham o exercício pleno de seu modo de existir em comunhão profunda com a natureza. É essa trama da vida e do bem viver, enquanto dimensão micro e meso da natureza (*physis*), que precisa ser salva do destino monetário da técnica e do racionalismo.

Aquele que já lidou diretamente com a terra, que se interessa pelos seus mistérios, compreenderá bem a situação e o alarde aqui discorrido. Quem cultivava intimidade com a terra e se atenta aos seus detalhes manifestos, sabe ouvi-la e interpretá-la. É preciso ter o corpo junto a ela para que sensibilidade e inteligência decifrem seus sinais, dos mais sutis aos devastadores. Aquele que, por exemplo, abra um pequeno roçado, em uma barranca de rio, quintal, ou qualquer outro lugar, terá a oportunidade de constatar, com os próprios sentidos, as mensagens daquele meio, porção experiencial de natureza. Os obstáculos e facilidades que o esse meio nos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

oferece, a dureza do solo, a umidade disponível, as espécies vegetais territorializadas, os animais que ali transitam, dão os primeiros sinais do como *Gaia* é o que quer e sua particularidade espacial. O tempo que cada semente precisa para germinar, as mudas que não vingam, as distinções de tais fenômenos mediante o período (estação), o ambiente de tal desenvolvimento, a reação do solo a cada insumo inserido no feito, o comportamento das pessoas, a porção onde bate o sol ou a sombra, o inseto que se aproxima da planta, o outro vegetal que a sufoca, tudo isso, e muito mais, informa ao vivente interessado o mistério do efetivar da vida.

As mensagens já estão lá, na forma de sinais e pensamentos. Cabe interesse, sensibilidade, intimidade e paciência para traduzir o texto. Os limites da terra estão postos e isso não significa permitir a ela o domínio pleno de tudo. O humano é parte da trama daquele meio, sua intencionalidade de sobrevivência também deve ser concretizada em feito, trabalho e subsistência. O humano, como qualquer ente que compõe a *physis*, deve lutar para efetivar-se. Todavia, a luta deve ser franca, a ponto de os adversários compreenderem um ao outro, aprendendo um com ou outro, abrindo possibilidades de entendimento, trégua, alternância de forças e superação mútua. Caso a luta desemboque para a aniquilação, a trama está, mais uma vez, desfeita e a catástrofe anunciada.

A convivência com a terra não é para ser fácil. Em nossas impressões (demasiado humanas) a natureza é muito mais terrível do que generosa. Sua potência cega, estabelece um verdadeiro campo de batalha pela efetividade. Ao decorrer da história, a humanidade superou o temor diante da terra e fez da técnica instrumento de tortura e dominação sobre a natureza. Um combate de aniquilação fora consumado. A tecnoesfera, racionalista e desenvolvimentista, afastou o ser humano do corpo de *Gaia*; perdeu-se a intimidade, a imanência, não havendo mais escuta, o que desfez a trama da vida. Os limites, obstáculos e permissões não são mais apreensíveis pela sensibilidade. O que se impõe é a brutal intencionalidade humana, seus projetos monopolistas e egocêntricos, determinados pela lógica do capital. Sua finalidade principal é de natureza transcendente, virtual, especulativa, ou seja, a mais valia. Mas a busca cega por ela é concreta, porém, indiferente à natureza (e seus limites) já que se expressa em forma de devastação, convertendo cada vez mais a terra em mercadorias, valores de troca.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Clara Nunes, Candeia, Cartola, Sargento, Paulo Cesar Pinheiro e João Nogueira, sambistas, de morro ou de calçada, pretos ou brancos, mulheres e homens, tinham consigo (em nossa interpretação) um valioso palpite para reencontrar um bom caminho ao projeto civilizatório. Palpite esse também pensado por Ana Patrícia Nogueira, Isabelle Stengers, Angel-Maya, Éric Dardel. Precisamos nos abster dos sonhos inautênticos e voltar à vida, a terra e a natureza em suas nuances mais bruscas, singelas e sutis. Samba é uma reunião que se anuncia em forma de crônica poética e musical sobre a facticidade cotidiana. Como diria Vinícius de Moraes e Baden Powell “mas para fazer um samba com beleza, é preciso um bocado de tristeza...” e se atentar a vida, vivê-la em seus desenganos, alegrias e anunciar sua imanência em poética. Assim também pode ser o conhecimento, Ciência e Filosofia.

Precisamos fundar um conhecimento que empreenda investigações por demandas próprias, emancipadas das intenções do crescimento e comprometidas com a dimensão concreta da realidade. Um saber que nos faça encontrar novamente com nós mesmos, com *Gaia*, e que nos faça contemplá-la em beleza, admiração, angústia e perplexidade. Um saber que nos faça entender os limites da terra, expressos em desejos e apelos, para então refundar a cultura e um novo modo de sociedade. Um conhecimento que beba da experiência fática, que associe imanência, sensibilidade e consciência, agindo a partir da plena cooperação, partilhando saberes para lidar com as crises que estão e, certamente, que virão. Precisamos de tal transformação, antes que a trama entre humano-natureza seja de fato impossível de se reatar, devido à aniquilação de nós mesmos. Eis o que acreditamos ser o desafio de nosso tempo de catástrofes.

Referências

ABREU, M. A. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Iplanrio, Zahar, 2006.

ANGEL-MAYA, C. A. **La trama de la vida**: Bases ecológicas del pensamiento ambiental. Santafé de Bogotá, Universidad Nacional de 1996.

AZEVEDO, A. N. A Reforma Pereira Passos: uma tentativa de integração urbana. **Revista Rio de Janeiro**, (10), 39-79, 2003.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 1997.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, n° 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DINIZ, A. **Almanaque do Samba**: a história do samba, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro, Zahar, 2012.

DOZENA, A. As territorialidades do samba na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, p. 254, 2009.

DOZENA, A. O lugar do samba: Notas de pesquisa sobre a dinâmica sócio-espacial em dois bairros paulistanos. In: Anais - II Colóquio Nacional do Núcleo do Estudos de Espaço e Representações – NEER: “Espaços culturais: Vivências, imaginações e representações”, Salvador. 2007.

DOZENA, A. Os movimentos de samba na cidade de São Paulo: Espaços de resistência e de esperança. In: Actas - XIII Seminario APEC - Asociación de Investigadores y Estudiantes Brasileños en Cataluña, Barcelona, v. 1. p. 19-28, 2008.

FEYERABEND, P. **Contra o método**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 2006.

HEIDEGGER, M. **Construir, habitar e pensar**. [Bauen, Wohnen, Denken] (1951) conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vorträge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954.

HEIDEGGER, M. **Ensaios e Conferências**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, M. **Introdução à Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: WMF, Martins Fontes, 2009a.

HEIDEGGER, M. **Sobre o Humanismo**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2009b.

HUSSERL, E. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental**: uma introdução à filosofia fenomenológica. Tradução de Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, E. **A ideia da Fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaios” de uma procura.

Ensaios de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

KANT, I. **Crítica da razão pura**. 3ªed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

MARANDOLA JÚNIOR, E. Fenomenologia do ser-situado: crônicas de um verão tropical urbano, (período 2016). **Tese** (livre docência em ciências humanas) – Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, Limeira-SP, 2016.

MELLO, J. B. F. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, 1993-2008.

MELLO, J. B. F. A humanização da natureza - uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. *In*: SILVA, S. T.; Viana, O. M. **Geografia e questão ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

MELLO, J. B. F. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira 1928/1991-uma introdução à geografia humanística. 1991. **Dissertação** (Mestrado em Geografia), Departamento de Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 301 p.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2011b.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**: como se filosofa com o martelo. Tradução Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009a.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos Póstumos 1887-1889**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.

NOGUERA, A. P. **Crisis ambiental**: pérdida del cuerpo y de la tierra. Manisales, **Cultura y Droga**, v.17, n. 19, pp. 313-322, 2012.

NOGUERA, A. P. Cuerpo - Tierra: ethos ambiental en clave de la lengua de la Tierra. **Sostenibilidad(es)**. Santiago, v.2, n.1, pp. 2-10, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2012.

SANTOS, M. **A metamorfose do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

SODRÉ, M. **Samba**, o dono do corpo. 2.ed - Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

STENGERS, I. **No Tempo das Catástrofes**. São Paulo: Cosac Naify. Coleção EXIT. 2015.

VIANNA, H. **O mistério do Samba**. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editora; Ed. UFRJ, 2002.

VITTE, A. C. Da Metafísica da natureza a gênese da Geografia Moderna. *In*: VITTE, A. C. (Org). **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

DAVIM, David Emanuel Madeira; PAULA, Luiz Tiago de. A TERRA QUE HÁ EM NÓS: sambas sobre “ensaio” de uma procura.

Ensaio de Geografia. Niterói, vol. 10, nº 21, pp. 14-X, maio-agosto de 2023.

Submissão em: 18/04/2023. Aceito em: 20/07/2023.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons